

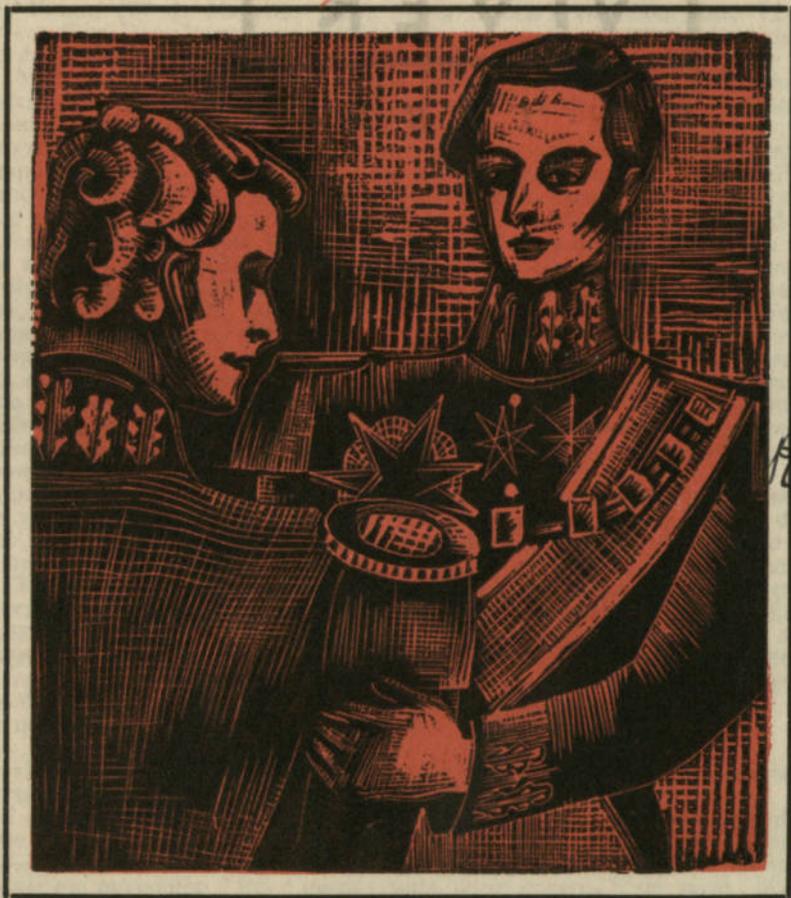
250

# HISTÓRIA

## DO REI DOM MIGUEL I

DEP. LEG.

L. 13385<sup>9</sup>-V.



168934

COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO QUARENTA E TRES

LISBOA ~ EDIÇÕES S. N. I. ~ 1946



E X - L I B R I S



108834

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.<sup>a</sup>  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1946

LISBOA — EDIÇÕES S. N. I. — 1946

## LIVRO QUARENTA E TRÊS

### HISTÓRIA DO REI DOM MIGUEL I

L. 133852 v.

Deu-se o nome de Vilafrancada a uma revolta miguelista do povo português em Vila Franca (27 de Maio de 1823). Esta revolta levou Dom João VI a nomear seu filho Dom Miguel generalíssimo do exército, o que queria dizer que na mão de Dom Miguel ficava todo o poder; e assim se deu um bom golpe à Carta. Mas as intrigas dos mações e dos estrangeiros foram tais que afinal conseguiram desterrar o infante Dom Miguel para fora de Portugal, tamanho era o medo que tinham dele.

Passaram-se quatro anos depois disto, e muitas coisas aconteceram durante esse tempo. Morreu el-rei Dom João VI e houve grandes confusões a respeito da herança da coroa. Havia os partidários do príncipe Dom Pedro, filho mais velho de el-rei; e havia os partidários do infante Dom Miguel, filho segundo. Os primeiros diziam que Dom Pedro é que tinha todos os direitos porque era o príncipe real, legítimo herdeiro do trono português. Os segundos diziam que Dom Pedro aceitara ser imperador do Brasil e portanto deixara de ser português. Portanto, tendo Dom Pedro, por estes motivos, perdido os seus direitos à coroa portuguesa, o verdadeiro rei de Portugal devia ser agora seu irmão Dom Miguel.

Os que queriam Dom Pedro eram os liberais, isto é, os que andavam malucos com as idéias da Revolução francesa; outros, espertalhões sem consciência, pensando só nos benefícios pessoais que dali lhes podiam vir. Toda esta gente do partido de Dom Pedro, liberais e mações que o povo chamava pedreiros-livres, não falavam senão em liberdades e direitos, lembravam-se pouco de deveres, não acreditavam em Deus e faziam pouco da religião.

Os partidários de Dom Miguel não queriam saber das idéias francesas, e não queriam mudanças. Eram religiosos e respeitavam as tradições e as leis da sua terra. Não se conformavam com o desterro do infante Dom Miguel. Dom Miguel era o seu príncipe, o seu rei verdadeiro. Lembravam-se dele com saudades. Tinham-lhe um grande amor. Pensavam na sua beleza, na sua força, na sua bravura, na bondade do seu coração. Aquêlê sim, aquêlê era um príncipe português de lei. Dom Pedro era um estrangeiro; nem o conheciam, nem se importavam com êle. Como haviam de se importar com um príncipe português que vivera sempre lá no Brasil, que se embrulhara com os pedreiros-livres, que assinava de cruz tudo que os estrangeiros queriam, que se sujeitara a jurar a Carta e que não tinha respeito pela religião?

No alpendre defronte da cozinha, na casa do general Gil de Sequeira, a criada-gem reunida, num domingo à tarde, conversava.

— E o que vem a ser a Carta, não me dirão? — perguntava o velho José da Rosa que era o principal criado de mesa e estava ao serviço da casa desde criança. — Um chorrilho de disparates! Um rei que jura a Carta, deixa de ser rei para ser um espantalho. Rei é quem manda, quem governa o seu povo. Mas lá por essas leis estrangeiras dos pedreiros-livres que inventaram a Carta, de que serve o rei? Quem manda lá pelas leis da Carta, são os deputados, uma corja de espertalhões que só pensam em levar a brasa à sua sardinha; e como são muitos, quando lhes cheira a chamusco, atiram as culpas para cima uns dos outros e por fim já ninguém sabe quem fez as asneiras e o povo não encontra ninguém de quem tirar contas. Para terem os votos, para chegarem ao poder, intrujam o povo; dizem-lhe que é êle quem manda e que os deputados ali estão só para servirem o povo, e servir os seus interesses, e defender os seus direitos.

Palavriado não lhes falta. O povo entende lá nada disso! O povo do que precisa é de um rei que saiba mandar.

E o José da Rosa, todo afogueado de indignação, rapou de um enorme lenço tabaqueiro e começou a limpar o suor da testa.

— Pois é... — disse a Maria Rita, que era quem mandava na cozinha, um mulherão de meter respeito e tôda despachada no falar. — E não me venham para aí com lêrias de liberdades para o povo e cantigas da gente ser igual aos fidalgos. Não sei lá como é o povo das outras terras nem me importo. Mas o povo cá de Portugal o que quer é o Senhor Dom Miguel. Com êsse é que êle se entende; não é lá com pedreiros-livres e tôda essa estrangeirada que por aí anda a comer o que a gente lhe dá de boa-vontade e que em troca faz pouco da gente e da nossa terra.

— E não é só vomecê que o diz, — acudiu o Miguel Maria, o escudeiro do filho da casa. — Não vai a gente a banda nenhuma que não oiça falar do Senhor Dom Miguel. Cada um conta o seu conto, mas é tudo a dizer bem dêle. Ah! rapazes! Aquilo é que é um príncipe! Todos se lembram de coisas que êle fazia quando cá estava. Não era capaz de ver uma desgraça que não fôsse logo acudir. Como daquela vez que êle ia lá com os seus oficiais, todos a cavalo por um campo fora, e ouviram uns gemidos de aflição. Pois já ninguém foi capaz de fazer o Senhor Dom Miguel arredar pé dali sem saber o que era. E quando deram com um homem que caíra de um carro e para ali estava estendido no chão e desamparado, o Senhor Dom Miguel não sossegou enquanto o não levaram para casa e o entregaram a quem o tratasse. E ainda por cima, deu-lhe quanto dinheiro levava.

— Se vamos a falar do bem que êle fazia e dos bons modos que tinha com os pobres, isso é um nunca acabar, — disse a Maria Rita. — Como daquela vez que êle passou rente a mim ali na feira da Graça e parou de repente, e me pôs a mão no ombro e disse para os mais que iam na sua companhia: «Olhem para isto! Se tôdas as mulheres em Portugal fôssem assim, com os filhos que elas tivessem, não havia inimigo que nos vencesse!». E vai eu não me atrapa-lhei; respondi logo: «Os três filhos que Deus me deu estão todos prontos a morrer por Vossa Alteza». E vai êle mandou logo tomar nota dos nomes, e agora andam todos três lá ao serviço dêle, lá nas estrebarias do Paço.

Todos sabiam já de cor esta história que a Maria Rita nunca perdia ocasião de contar. Mas todos a ouviam sempre com prazer como se fôsse a primeira vez. A criada de quarto da Senhora Dona Maria do Céu (que era a dona da casa), acudiu:

— E então lindo como êle é! Até a gente se regala tôda de olhar para êle! A última vez que o vi, ia êle a cavalo mais o nosso menino Francisco. Ainda que eu vivesse cem anos não me esquecia. Até parece que foi ontem. Fiquei parva. Não podia tirar os olhos dêle. Alto e forte, trigueiro, com dois olhos como dois luzeiros, vestido à picadora, com os seus calções pretos e as botas altas a luzir que nem espelhos, e as esporas de prata nos saltos de prateleira; e o seu casaco de baetão verde, e o boné azul de pala...

— E então valentia! — exclamou o Dionísio que era o principal cocheiro e mandava nas estrebarias. — Uma vez vi-o a lidar toiros numa corrida em Santarém... Era uma festa lá da rapaziada da fidalguia. E que toiros! Pois o que Senhor Dom Miguel fazia dêles, nunca vi nem verei ninguém fazer. Parecia mesmo que andava a tentar a Deus! E não falhou uma sorte. Mêdo é coisa que êle não conhece. Senhor de si e resoluto em tudo que faz. Os estrangeiros e os pedreiros-livres não o querem cá mas é porque têm mêdo dêle que se finam...

O Miguel Maria entusiasmou-se todo. Atirou um murro acima da mesa que estava ali no meio do alpendre, e disse:

— Ah! Se vocês o tivessem visto uma vez lá no Ramalhão como eu o vi com êstes que a terra há-de comer! Estava eu lá mais o nosso menino Francisco. E vai puseram-se aquêles fidalgos todos a brincar e a ver qual tinha mais fôrça.

O Senhor Dom Miguel mandou vir das cavalariças um cavalo de Alter, rijo e possante que era de encher as medidas, botou-lhe o selim em riba e apertou-lhe a cilha com os dentes com tal fôrça que o animal gemeu. E isto é verdade, tão verdade fôsse eu estar certo da minha salvação. E não contente com isto levou os fidalgos à eira, onde andavam a ensacar trigo, pegou num saco de seis alqueires já cheio e, só com uma mão, atirou com êle para as costas nem que estivesse cheio de palha. Estavam lá rapazes como tôrres e com fama conhecida de rigeza; pois nem um foi capaz de fazer o mesmo. As vezes chega a parecer, Deus me perdõe, que são coisas do outro mundo...

— E então os meus filhos que lá andam sempre nas estrebarias, — acudiu a Maria Rita, — não me têm contado como êle vai às vezes para o campo ensinar os moços a lavar? Bota ali o gadanho à rabiça do arado nem que tivesse um braço de ferro. Os mueres só de lhe ouvirem a voz, mexem-se nem que levassem o diabo atrás... E diz lá a rapaziada que nunca viram outra mão abrir regos daquela fundura.

Nisto ouviram passos apressados e apareceu ali o filho da casa, Francisco de Sequeira, que êles chamavam *o nosso menino*. Um oficial do exército, alto e espadaúdo, desempenado e lindo que metia gôsto olhar para êle, bem cingido na sua farda.

Encostou-se à mesa com os olhos a brilhar de alegria.

— Quanto me dão vocês pela notícia que lhes trago? — perguntou êle.

— O que há-de a gente dar? — disse a Maria Rita que tinha sempre resposta pronta. — Cá por mim dou o que o menino pedir se a notícia o merecer. Mas venha primeiro a notícia.

— Pois fiquem sabendo que o Senhor Dom Miguel vem a caminho de Portugal!

Foi um côro de exclamações:

— Pois será certo?!

— Então não morrerei sem o tornar a ver!

— Ai, bendito seja Deus!

Francisco voltou-se para Miguel Maria e para Dionísio:

— Vocês ainda estão de-certo lembrados do que aquêlê pedreiro-livre do António de Abreu me fêz à traição, como um cobarde que é?

— Se a gente está lembrada! Bastas vezes falamos nisso e esperamos em Deus não morrer antes de darmos um ensino cá a nosso modo aquêles...

O Francisco continuou:

— À traição. Entrei no jardim descuidado e o tratante veio por detrás de mim e deu-me tal mocada na cabeça que ali caí lavado em sangue e sem sentidos. Cuidou-me morto e mandou os lacaios atirarem comigo para a estrada... E porquê? Porque eu ia buscar a sua irmã que é a minha noiva, para casar com ela. Quando voltei a mim vocês contaram-me que os lacaios tinham ido ter com vocês e lhes tinham dito que levassem o coche ao outro portão. E vocês foram e deram comigo meio morto, atirado para a estrada como um cão. Foi assim ou não foi?

— Foi, sim, menino, mas a gente nem gosta de pensar em tal...

— Ora não-de vocês estar admirados de eu ter deixado passar tanto tempo sem dar castigo àquela canalha. Mas agora chegou o dia de eu lhes explicar porquê. É que o Senhor Dom Miguel, nosso rei e senhor, quando partiu para o destêrro, me fêz prometer não fazer nada até êle voltar.

— A gente bem sabia que o menino havia de ter boa razão, porque não está na sua alma deixar sem castigo quem lhe falta ao que lhe deve...

— Mas há uma coisa que a gente quer pedir ao menino, — interrompeu Dionísio. — É que no dia em que ajustar contas com o Senhor António de Abreu, nos deixe ir na sua companhia, porque a gente também tem contas que ajustar com os almas danadas dos lacaios...

— Ah! rapazes! — exclamou o Miguel Maria, — que até tenho formigueiros nestes braços, só de pensar...

— Está bom, está... — disse o Francisco a rir. — Gosto de quem tem boa memória para estas coisas. Pois já não falta muito, rapazes. E deixem estar que havemos de os marcar bem marcados e lhes tiraremos a vontade de se meterem noutra.

O grande amor que havia tanto tempo existia entre o Francisco e a Ana, irmã de António de Abreu, não tinha esmorecido. Vivia tão ardente e fiel no coração dos dois que nem Francisco pensava noutra mulher, por mais linda que fôsse, nem Ana noutra homem. Para ela só havia um homem na terra. Altas diligências fizera o irmão para a casar com outro; mas nem promessas nem ameaças a tinham demovido do seu pensar. Trazia-lhe amigos seus, rapazes bonitos, ricos, brilhantes, capazes de encantar qualquer mulher; mas a Ana diante dêles parecia uma freirinha, fazendo as honras da casa com tôda a cortesia, mas sem lhes dar mais atenção do que se fôsem velhos ou aleijados. Uma vez António de Abreu, sabendo que Francisco tinha ido para a província passar umas semanas em serviço militar, lembrou-se, para experimentar a irmã, de inventar uma triste mentira: chegou a casa com a notícia de que Francisco tivera um acidente na sua viagem e morrera. Ana não fêz espantos nenhuns. Durante dois dias fechou-se no seu quarto sem querer ver ninguém, e ao terceiro dia foi ter com o irmão e disse-lhe que ia para um convento. Resolvera professar e acabar os seus dias ao serviço de Deus. Vendo-a tão sossegada e tão firme na sua vontade, António de Abreu não teve outro remédio senão dizer-lhe que a notícia do desastre do Francisco fôra falsa e que tivera outras informações dizendo que êle estava vivo e de boa saúde. Não lhe fazia conta que a irmã entrasse para um convento quando êle e os outros mações só pensavam em dar cabo de tôdas as casas religiosas em Portugal.

Não havia pirraça que António de Abreu não fizesse à irmã, e guardava-a de dia e de noite de tal maneira que ela nunca mais pudera falar ao seu amor. Assim Francisco e Ana, aquelas duas almas que tanto se queriam, andavam separados. Só se viam de longe, na igreja, à hora da missa, ou em dias de procissão, e só se falavam com os olhos. Mas a velha ama da Ana, que morria pela sua menina e era muito esperta, lá tinha artes de passar cartas entre os dois namorados; de modo que, por mais que o irmão tirano fizesse, não conseguia separar aquêles dois corações. Não há nada mais difícil no mundo do que apartar dois corações que um verdadeiro amor juntou.

Havia dois anos que el-rei Dom João VI morrera. Ficara rei o príncipe real, com o nome de Dom Pedro IV. Mas continuava lá no seu querido Brasil e nomeara regente de Portugal sua irmã Dona Isabel Maria. Mas isto não tinha pés nem cabeça. O mesmo homem não podia ser imperador do Brasil e rei de Portugal. Como havia o povo português de amar e respeitar um rei que não conhecia e que assistia sempre tão longe dêle, lá do outro lado da terra? Dom Pedro acabou por entender isto e abdicou em sua filha Dona Maria que era então uma criança. Nomeou regente do reino de Portugal seu irmão o infante Dom Miguel, com a condição dêle jurar obediência à Carta e de vir a casar com a rainha Dona Maria II quando ela tivesse idade para isso.

Dom Miguel disse a tudo que sim. Muita gente lhe leva a mal êle ter assim prometido coisas que não tinha tenção de cumprir. Mas acima de tudo, no coração de Dom Miguel, havia uma grande paixão: a paixão que êle tinha pela pátria tão ameaçada como andava por tantos males, e que êle queria salvar. Ora se êle não promettesse tudo que o irmão queria, continuaria desterrado e como havia de acudir à sua infeliz terra de Portugal?

Quando chegou a Lisboa a notícia de que o navio onde vinha Dom Miguel estava à vista, parecia que uma grande rajada de loucura tomara conta do povo inteiro. Despejaram-se as casas. Não houve ninguém que não fôsse para a rua, numa doidade de alegria.

O povo de Portugal não queria saber da Carta nem das liberdades constitu-

cionais. Se os Franceses e os Ingleses gostavam dessas asneiras, que se consolassem com elas e deixassem os outros povos governar-se como entendiam. O povo português não queria governar, queria ser bem governado. Queria um rei, um rei verdadeiro, o seu rei, escolhido por êle e que amava e respeitava, porque era lindo, forte, valente, bom de coração e sabia mandar. Bem governado fôra durante sete séculos por bons reis verdadeiros; descobrira o mundo, conquistara um grande e poderoso império, sacudira o domínio espanhol, cobrira-se de glória; e tudo isto sem a Carta, sem estrangeiros a darem leis na sua terra, sem pedreiros-livres a intrujá-lo com promessas de liberdades que não existem e de direitos em lugar de deveres. O povo de Portugal não entendia nem queria saber dessas lérias. Obedecendo aos seus reis e sempre à luz da cruz alçada, caminhara através da sua história que é das mais lindas que há no mundo. Carta, deputados, parlamento, liberdades, igualdades... tudo isso, — bem o sentia o povo português no fundo do seu forte coração — eram sonhos de cegos e surdos, coisas para espertalhões e patifes se encherem à custa dêle.

Foi no dia 22 de Fevereiro de 1828 que Dom Miguel desembarcou no cais de Belém. O povo todo correu ao seu encontro. Ninguém encomendara festas, mas um escritor português que muito bem contou a história dêsse dia, diz assim:

— O desembarque, o trajecto até ao Paço foi um triunfo: um trovão de vivas, um desespêro de gritos, um dilúvio de flores, bandeiras, colchas, foguetes em girândolas. ...

O povo inteiro andava como doido de alegria. Agora, sim, agora tinham um rei, o seu rei, o eleito do seu coração. *Esta era a vontade do povo, bem manifestada, bem clara; não era preciso Carta, nem deputados, nem votos, nem parlamentares, para a mostrar.* Mas os estrangeiros e os mações não queriam ver isto. Fechavam os olhos para não ver. Encolhiam-se agora a tremer de medo diante daquela onda de amor e de entusiasmo; mas bem sabiam que o povo, só por si, não tem consistência na sua vontade, e esperavam a ocasião, como milhafres, para caírem sôbre a presa.

Francisco de Sequeira fôra com o general Gil, seu pai, e outros fidalgos amigos fiéis de Dom Miguel, esperá-lo. E Dom Miguel não os deixara beijarem-lhe a mão como era costume, mas apertara-os, num grande abraço, contra o coração. A carruagem que o levava, puxada pelas lindas mulas de Alter, levou muito tempo a chegar ao Paço, apesar do caminho ser curto. Era tal o delírio daquela multidão desvairada de contentamento que a carruagem mal podia avançar. Vivas, gritos, flores... muitos choravam de pura alegria. Tinham composto música e versos que cantavam:

O rei chegou, o rei chegou!  
E em Belém desembarcou...

Já lhe chamavam rei. Desde a Vilafrancada, havia bons quatro anos que, para o povo português, Dom Miguel era rei, apesar da Carta, dos decretos, dos estrangeiros, dos mações. Delirante agora, a multidão enorme enchia as ruas gritando, rindo, cantando:

O rei chegou, o rei chegou!

Não queria saber de mais nada. Oficialmente Dom Miguel não era rei. Havia uma rainha, havia Dona Maria II, uma criança linda, criada longe de Portugal, educada pelo estrangeiro; o povo não a conhecia, não queria saber dela.

Apenas Dom Miguel chegou ao Paço, vieram logo os pares do reino cumprimentá-lo; e, cheios de cortesias e de rapa-pés, foram-lhe falando da Carta que era o que êles queriam e o que tinham no sentido. Mas Dom Miguel não lhes deu resposta. Pensava lá de si para si:

— Pois sim, pois sim... Palavriado têm vocês. Eu prometi jurar a Carta porque, se não promettesse, vocês armavam-me alguma que eu nunca mais poderia voltar à minha querida terra. Mas agora estou cá e vejo muito bem o que o povo quere. Pois leve o diabo a intrujice da Carta e vão vocês todos à fava, que para mim quem conta é o povo de Portugal e não os criados dos estrangeiros.

Quando se viu livre daqueles figurões, Dom Miguel voltou-se para Francisco de Sequeira e disse-lhe assim:

— Agora já podes ir castigar o António de Abreu pela cobarde partida que êle te fez. Não cuides que me esqueci. Quem te ofende, ofende-me a mim. Vai e trás-me a tua noiva, e trata do casamento que o padrinho sou eu.

O Francisco afogueou-se todo de alegria.

— Nem que Vossa Alteza me tivesse agora dado o maior tesouro do mundo, eu me sentiria mais feliz do que me sinto com essas suas palavras.

Dom Miguel riu-se e, dando-lhe uma palmada no ombro, acrescentou:

— Amigos como tu e como o teu pai não se encontram a cada esquina. Vai com Deus e vai depressa que o mariola é capaz de fugir apenas souber que o povo não quere ser governado por pedreiros-livres. E vai descansado que eu fico bem guardado pelo teu pai.

O Gil sorriu e disse ao Francisco:

— Vai, vai... e levas a minha bênção.

O Francisco não respondeu mais uma nem duas. Desceu a quatro e quatro as escadarias do Paço e abalou. Apenas entrou em casa, chamou o Miguel Maria e o Dionísio e gritou-lhes:

— Chegou a nossa hora, rapazes! Por ordem do Senhor Dom Miguel vamos dar o castigo a quem nos ofendeu e vamos lá buscar a minha noiva. Atrelem ao melhor coche uma parelha de mulas rijas...

Entrou de roldão na sala onde estava a mãe.

— Minha mãe, mande preparar um quarto que hoje mesmo lhe quero entregar a minha noiva para que ma guarde até ao dia do casamento.

— Estás doido, Francisco? Que loucura é essa?

O Francisco abraçou-a a rir de contente:

— Minha mãizinha, são ordens do Senhor Dom Miguel que Deus guarde. Este é o dia mais feliz da minha vida!

E saiu como um furacão.

As mulas levavam a carruagem pelo ar. As ferraduras feriam lume nas pedras da calçada. O Dionísio ia tão apressado e tão contente como o amo; e o Miguel Maria só sabia dizer:

— Mais depressa! Mais depressa, homem!

Todos três levavam só um cuidado: o de não chegar a tempo.

Ainda bem não, chegaram lá à quinta de Benfica onde ficava o solar de António de Abreu no meio de um grande jardim.

O portão principal estava aberto, e lá ao fim da alameda, defronte da casa, viram o coche grande dos Abreus, carregado de sacos e baús e pronto a partir.

— Olá! — exclamou o Francisco. — Viemos em boa hora, que os ladrões iam agora mesmo a raspar-se.

— Mas não se raspam! — resmungou o Dionísio.

E logo atravessou o carro defronte do portão de modo que tolhia de todo a passagem.

Sem mais demoras, os três saltaram do carro e abalaram a correr direitos ao coche dos Abreus. Dentro do coche iam António de Abreu, sua irmã Ana e a ama; e na boleia os dois lacaios que tinham ajudado o amo a fazer a partida a Francisco de Sequeira.

O cocheiro, vendo aquêles três homens que vinham correndo pela alameda acima, quis voltar os cavalos para o caminho que levava ao outro portão. Mas Francisco, que trazia uma pistola na mão, atirou um tiro à cabeça de um dos

cavalos que logo caíu morto; e o outro espantou-se, empinou-se, quebrou os arreios e ficou-se quieto, com as pernas embrulhadas nos tirantes e nas rédeas. António de Abreu e os dois laçaios, vendo que não podiam fugir, saltaram do coche e vieram ao encontro dos seus inimigos.

No mesmo instante se atiraram uns aos outros com igual vontade e fúria de ambos os lados; enquanto os criados brigavam corpo a corpo, António de Abreu e Francisco de Sequeira desembainhavam as espadas e esgrimiam como bons fidalgos que eram.

Aquilo durou bastante tempo porque de ambas as partes havia fôrça e habilidade e igual vontade de vencer. Mas afinal os dois laçaios de António de Abreu ficaram estendidos no chão, um com um braço deslocado sem se poder mexer, o outro com os queixos quebrados e sem sentidos. O Dionísio e o Miguel Maria tinham o corpo moído de pancadas, mas nenhum sentia nada, tal era a alegria em que estavam da sova que tinham dado aos seus inimigos.

António de Abreu jazia estendido no chão com um ombro atravessado pela espada do Francisco. Este, que era conhecido como um dos melhores jogadores de espada do exército português, não tinha nem uma beliscadura. Apenas viu António de Abreu caído, correu para a sua noiva que saíra do coche com a ama e que presenciava aquela batalha tolhida de susto e de aflição.

Abraçaram-se os dois namorados com tal paixão e amor que até parecia que nunca mais se poderiam separar. Apertados nos braços um do outro eram como um corpo só, como uma só alma; e os dois corações batiam um contra o outro, tão certos como se fôsse um só coração. O tempo deixara de existir; nada mais contava para elles na terra senão o seu amor.

Dionísio, Miguel Maria e a ama olhavam para elles estarrecidos e, durante muito tempo, não se atreveram a falar nem a mexer-se porque bem sabiam no segredo dos seus corações que os amos naquele instante se encontravam no céu e que era pecado chamá-los à terra.

Mas por fim o Dionísio viu ali perto um tanque e um alguidar onde a ama costumava lavar roupa. Encheu o alguidar e emborcou-o por cima da cabeça do laçao que perdera os sentidos e que logo voltou a si com um gemido.

A ama debruçara-se sobre António de Abreu, desabotoara-lhe a farda e a camisa e, vendo que a ferida não era de perigo, fôra buscar fios e ligaduras e pensava-a conforme podia, sem fazer caso das pragas que o amo furioso resmungava.

Todos estes movimentos e ruídos acabaram por acordar os dois namorados do sonho de felicidade e amor em que tinham sido arrebatados. Com um fundo suspiro Francisco desprendeuse dos braços da noiva e logo caíu em si e começou a dar as ordens precisas:

— Dionísio, vê se encontras umas cordas... Atem-me aí as mãos e os pés dêsses ladrões para lhes tirar a vontade de se porem ao fresco.

Aproximou-se dos feridos, viu que nenhum estava em perigo. Deixando-os todos três bem atados e estendidos em cima da relva do jardim, mandou destrelar o cavallo do coche e recolhê-lo à estrebaria.

Feito tudo isto, voltou para o seu coche que ficara ao portão da quinta, acompanhado por Ana que levava bem chegada a si como se tivesse ainda medo que lha tirassem, e seguido pela ama e pelos seus dois fiéis criados.

Daf a pouco partiam à desfilada direitos a Lisboa. No caminho encontraram um troço de soldados com uma carreta, comandados por um capitão que era amigo de Francisco.

— Vamos prender António de Abreu e todos os homens que lhe encontrarmos em casa — disse o capitão —. São ordens do Senhor Dom Miguel. Descobriu-se que os patifes andavam já a tramar uma traição.

O Francisco riu-se e disse:

— Pois vá lá e verá que os presos não lhe darão muito trabalho.

Apenas chegou a casa, Francisco pegou na mão da sua linda Ana e levou-a pela escadaria acima até à sala onde estava a Senhora Dona Maria do Céu.

— Minha mãe, — disse êle, — aqui lhe trago a noiva do meu coração, de quem estou separado há tanto tempo e que de aqui a poucos dias será minha mulher. Aqui lha entrego, minha mãe, que em melhores mãos não pode ficar jóia tão preciosa.

Dona Maria do Céu abriu os braços e apertou Ana contra o peito.

— Louvado seja Deus, — disse ela, — que te deu a noiva que tôda a vida quise, e a mim a filha que estimo do fundo da alma. Mal empregado não estar aqui teu pai para ter connosco tamanha alegria.

— Meu pai ficou no Paço com o Senhor Dom Miguel; a sua presença lá é precisa. E eu para lá volto já.

E dizendo estas palavras, saiu da sala. Mandou selar o seu melhor cavalo e abalou para o Paço, onde foi contar a Dom Miguel o que fizera.

Também o Dinísio e o Miguel Maria tinham muito que contar lá no alpendre da cozinha onde se desunharam a falar diante da criadagem tôda, até ficarem roucos.

Pouco tempo depois celebrou-se o casamento de Francisco com Ana na capela do Paço, com Dom Miguel por padrinho. A noiva ia tão linda que nunca se vira outra igual, tôda vestida de felicidade e resplandecente como uma estrêla do céu. Tôda a gente pasmava para os noivos; não havia olhos que se fartassem de os remirar, porque par assim, tão perfeito, nem parecia da terra.

Já depois dêles casados, Dom Miguel disse assim a Gil de Sequeira:

— Não sei qual dos dois pares, tu com tua mulher, Francisco com a sua noiva, tem maior lugar no meu coração. Mas sei que se todos os Portugueses e Portuguesas fôssem como vocês, tão lindos e perfeitos de corpo como são de alma, começaria agora para a nossa terra um grande tempo de felicidade. Infelizmente...

E neste ponto calou-se.

Os que o ouviram falar assim, nunca mais se esqueceram destas palavras tão sentidas e verdadeiras, nem esqueceram a sombra de tristeza que passou como uma nuvem nos grandes olhos de el-rei.

Segundo prometera em Viena de Áustria antes de partir para Portugal, Dom Miguel jurou a Carta. Era fiel à sua palavra e queria ver bem qual era a verdadeira vontade do povo. Essa vontade viu-a êle bem clara durante as semanas que se seguiram à sua chegada.

As ruas andavam cheias de uma multidão tão doida de alegria que os dias passavam e aquela gente não se fartava de manifestar o seu contentamento. Bandos sem número, de homens e de mulheres percorriam a cidade todo o santo dia a gritar:

— Viva Dom Miguel I!

Homens e mulheres, velhos e crianças, tudo largava o trabalho e ia para a rua desde pela manhã até à noite num delírio. Juntavam-se defronte do Paço, queriam ver o seu rei, tinham medo que lho roubassem, que lho matassem. Nunca a vontade do povo se manifesta mais clara e resoluta.

Se os que apregoavam os benefícios e vantagens da Carta fôssem sinceros, teriam desistido de a impor à nação. O que era a Carta? Pelo que êles diziam, a Carta era a maneira do povo fazer a sua vontade e não a vontade de um chefe. Mas se o povo queria um chefe? E êle é que tinha razão. A Carta tirava todo o poder ao rei, fazia do rei um boneco de palha a assinar de cruz o que os deputados quisessem. Então de que servia o rei, se não governava? Os deputados eram eleitos pelo povo, diziam os mações, para fazerem a vontade do povo. Lérias! O povo não entendia nada da Carta, mas sabia muito bem que tudo aquilo eram intrujices, mentiras. Quando viu chegar o rei do seu coração, então sim, então logo soube o que queria.

— Viva Dom Miguel I!

E encheu-se de fúria. Queriam enganá-lo, queriam fazer pouco dêle, os malhados! Chamava *malhados* aos liberais por desprezo, como se fôssem bestas. Armou-se de cacetes. Quem não gritasse com êle, apanhava uma sova.

Cantava que se desunhava:

O rei chegou, o rei chegou!  
E em Belém desembarcou...

Os malhados já estão presos  
Com sentinela à vista  
A dizerem uns para os outros  
Oh! quem fôra realista!

Venha cá, senhor malhado  
Meta a mão nesta gaveta  
Diga — Viva Dom Miguel —  
Senão quebro-lhe a corneta.

E riam às gargalhadas, todos contentes e triunfantes.

— Estava em Lisboa um general inglês chamado Clinton com tropas lá da sua terra. Os miguelistas gritavam que êle era hereje e protegia os pedreiros-livres. Olhavam de revés para as fardetas vermelhas.

O povo foi buscar o presidente do Senado e levou-o consigo para aclamar Dom Miguel rei. Os vereadores desfraldaram a bandeira miguelista no Terreiro do Paço e gritaram à antiga:

— Real! Real! por Dom Miguel I, rei de Portugal!

Milhares e milhares de fôlhas foram assinadas pelo povo, dizendo que queriam Dom Miguel a governá-lo. Os fidalgos juntaram-se ao povo. Pediram a Dom Miguel que reunisse as Côrtes, como dantes, com representantes dos três Estados: Clero, Nobreza e Povo, para se decidir e se ver bem qual era a vontade da Nação. A vontade da Nação era clara como água, e Dom Miguel foi aclamado rei, rei verdadeiro, não para ser um boneco nas mãos dos deputados, como queriam os mações, mas para governar como um rei deve governar. E não se falou mais da Carta, que já ninguém queria saber dela para nada. Gil de Sequeira e seu filho Francisco, que tinham andado sempre com Dom Miguel e muito tinham trabalhado ao seu serviço, estavam um serão reunidos em sua casa depois da aclamação. Deviam estar satisfeitos; mas não estavam. Pai e filho eram homens de muito boa cabeça e bem sabiam que Dom Miguel não estava seguro no trono que lhe pertencia.

— Temos inimigos terríveis, — disse o Gil. — O Palmela abalou para Londres e lá não descansará.

— O Palmela! — exclamou o Francisco. — Aquêlê João Ninguém com dois palmos de altura, todo magrízela, côr de papel e com nariz de papagaio que nem um judeu! Aquilo nem português é! É um inglês disfarçado, é o que êle é. Um criado dos Ingleses.

O pai interrompeu-o.

— Pois sim... Mas reparaste-lhe na esperteza dos olhinhos? Aquêlê João Ninguém quer mandar; e não é nenhum tolo. Foi criado com as idéias da Revolução francesa, com êsse veneno que há-de matar o mundo. Cuida que os homens podem viver sem Deus e que na Carta e nos deputados e no parlariado dos parlamentos é que está o segredo da liberdade...

— Cuida lá nada disso, pai! — acudiu o Francisco a tremer de raiva. — O que êle cuida é em ter o poder nas unhas. Todos êsses liberais e mações no que pensam é em mandar e em enriquecer à custa do povo, e enquanto não intrujarem o pobre povo com as suas mentiras de liberdades, de igualdades de direitos, não descansam. Não se atrevem por enquanto a dar cabo do rei; mas querem fazer dêle um boneco nas mãos dêles.

— O pior, Francisco, — tornou o Gil, — é que têm dinheiro e fôrça. E nós? Só a nossa lealdade, o nosso amor e as nossas espadas. E de tudo isso êles se ríem.

Assim conversavam pai e filho, e estas coisas que elles diziam estavam na idéia de todos os miguelistas que tinham cabeça para pensar e olhos para ver as coisas como elas eram. Mas a maior parte não queria cuidar destas coisas. Lembravam-se do que os malhados lhes tinham feito e vingavam-se. Imaginavam que venceriam os mações à pancada, que os fariam entrar na ordem castigando-os. E os mações esfregavam as mãos: quanto mais violências e injustiças fizessem os miguelistas, mais contentes elles estavam. Diziam aos Ingleses: — O tumor vai amadurecendo... Teremos de intervir...

Com medo de traições, das conspirações que fervilhavam, os miguelistas perdiam a cabeça. Havia denúncias, vinganças. As prisões enchiam-se. Enforcava-se gente.

O povo cantava:

Fora malhado!  
Chucha judeu!  
Acabou-se a guerra  
Dom Miguel é rei!

E andava contente; tinha o seu rei; tinha o seu querido Dom Miguel. Tudo se havia de arranjar. O que era preciso era dar cabo dos malhados.

Mas Dom Miguel não tinha dinheiro com que acudisse à pobreza do seu povo, não tinha força para o defender dos males que o ameaçavam. E não tinha alma para pedir estas coisas ao estrangeiro, nem tinha jeito para mentir, nem para fingir, nem para vender uma onça que fôsse da sua honra e da sua dignidade.

Apesar das prisões e dos castigos, os liberais iam trabalhando na sombra. Os mações sempre foram e são de primeira ordem para trabalhar na sombra, para esconder, mentir, intrujar, dar golpes no escuro. Assim iam chamando a si o exército. O povo podia cantar à vontade. Que cantasse, que desse cacetadas. O exército é que elles queriam.

A primeira revolta foi no Pôrto. Depois Aveiro, Almeida, Coimbra...

Dividiu-se Portugal em duas partes, uma por Dom Miguel, rei verdadeiro, rei que devia governar; a outra por Dom Pedro, defensor da Carta.

Quando Dom Miguel fôra aclamado rei pelo povo e que Palmela abalara para Londres onde vivia à grande e à francesa, três mil Portuguezes fiéis à Carta, tinham embarcado também imaginando talvez que alguém olharia por elles. Enganaram-se. Ninguém quis saber d'elles e por lá andaram a morrer de miséria enquanto Deus quis. Mas quando as coisas em Portugal se começaram a agitar, renasceu a esperança entre os emigrados. Havia-os em Inglaterra, em Espanha, em França. Havia tropas liberais na ilha Terceira. Ali se fortaleciam e se defendiam.

Assim a guerra civil foi nascendo, crescendo, alastrando pelo país. Os liberais ganhavam terreno. Não que tivessem melhor gente nem mais valente. Mas tinham armas e dinheiro e por fim tinham tropas inglesas e dinheiro inglês. Os miguelistas tinham a sua fé e a sua fidelidade. Não bastava. O povo continuava a mostrar bem claramente a sua vontade: onde quer que Dom Miguel apparecesse, juntava-se logo uma multidão a aclamá-lo, a mostrar-lhe o seu amor. Mas de que servia?

Afinal Dom Pedro veio do Brasil. Passou primeiro por Londres onde combinou tudo... Dali foi aos Açores onde se juntaram tropas e navios. Era um exército pequeno de 7.500 homens. Mas bastava. O almirante era um Inglês chamado Sartorius. Era elle que mandava tudo. Só Ingleses comandavam os navios. Pelo contrato que fizeram, tôdas as presas de guerra todos os navios que sequestrassem seriam para os Ingleses, e grandíssimos ordenados e compensações em dinheiro. A trôco disto e de muito mais, os Ingleses emprestavam navios, armas, tropas, o que fôsse preciso, a Portuguezes, para matarem a sua pátria.

Mas para quê falar mais de coisas tão tristes, tão vergonhosas?

Quando por fim os liberais desembarcaram no Mindelo ou Pampelido, no Norte de Portugal, Dom Pedro leu uma proclamação onde dizia assim:

— Portugueses! Livrar a humanidade oprimida, restabelecer a ordem, restaurar o trono de minha filha e com êle a Carta, são estas as minhas únicas vistas.

No fim da proclamação, Dom Pedro, repetindo a lição dos mestres, dizia assim, sem perceber o disparate:

— Não me obrigueis a empregar a força para vos libertar.

Vinha em nome da Carta dar liberdade... à força!

Com isto está dito tudo.

Daí por diante, e isto foi em Julho de 1832, começou a guerra civil. Durou dois anos. Correu Portugal inteiro de norte a sul.

Durante todo êsse tempo Dom Miguel não teve descanso. Lá ia com as suas tropas. Lá estava sempre no lugar mais perigoso, a dar o exemplo da sua bravura, desprezando tanto o perigo que chegava a parecer que procurava a morte. Era um espanto que as balas inimigas lhe não tocassem; como se um anjo lhe guardasse a vida.

Na Asseiceira, perto de Tomar, deu-se a última batalha. Ali foram vencidos os miguelistas depois de dois anos de luta sem tréguas. Contra tais inimigos, até é de pasmar que Dom Miguel pudesse resistir tanto tempo.

Nessa batalha, Gil de Sequeira ferido de morte, disse ao filho:

— Não tenhas pena de mim, Francisco. Mais quero morrer do que ver vencido el-rei Dom Miguel, nosso senhor. Com esta jornada acaba a vida de Portugal livre. Agora, morto o veado, vem a canzoada cevar-se. Triste sorte a da minha terra vendida a estrangeiros!

Dom Miguel, debruçado sobre o moribundo, ao lado do Francisco, desesperava-se de perder um tal amigo. E quando êle acabou, el-rei passou um braço pelos ombros do Francisco e disse-lhe:

— É um pouco de mim mesmo que morreu com teu pai. Deus receba a sua alma, que outra mais forte, mais nobre, mais pura, nunca entrou no reino dos Céus.

Francisco não respondeu. Não podia falar. Pensava na mãe, naquele amor tão grande, tão antigo, tão fiel que unira os pais através da vida tóda. Por fim disse:

— Será uma consolação para a minha mãe, no meio da sua grande dor, o saber que êle morreu onde queria morrer: ao serviço de Vossa Majestade.

Dez dias depois assinava-se a Convenção de Évora-Monte. Nessa Convenção os vencedores foram generosos mas com a condição dos vencidos desistirem da luta e aceitarem a maldita Carta. Exigiram a entrega das armas; e os oficiais miguelistas partiam as espadas nas esquinas para não as entregar. Os liberais vencedores expulsaram Dom Miguel de Portugal para sempre, mas davam-lhe lá no exílio uma pensão de sessenta contos de réis por ano.

Dom Miguel partiu logo para Sines onde embarcou para o destêrro. Foi uma triste jornada. Francisco acompanhou-o e nunca mais se apartou do seu rei e seu melhor amigo, até à hora da morte. A sua mãe, a sua mulher e um filhito que Deus lhe dera, foram depois ter com êle a Viena de Áustria onde viveram na pobreza, pois todos os bens daquela família e de muitas outras de fidalgos miguelistas foram confiscados e roubados pelos liberais, assim como bens de igrejas e conventos e tudo onde puderam deitar a mão. E se os miguelistas tinham sido violentos e cruéis, os liberais não lhes ficaram atrás nas suas vinganças, ódios e maldades.

Dom Miguel, antes de embarcar em Sines, repartiu pelos seus soldados tudo que possuía e abalou só com a roupinha que levava no corpo. E apenas chegou a Génova, logo escreveu para Portugal dizendo que aceitara tôdas as condições em Évora-Monte para evitar mais discussões e brigas, mas que protestava agora contra essas condições; e recusou a pensão dos sessenta contos.



Disse que não aceitava um real dos seus inimigos; que esse dinheiro lhe parecia maldito como o que Judas aceitou. E pobre e desterrado ficou, até que Deus foi servido chamá-lo a si.

Dêste modo acabou o último rei verdadeiro que reinou em Portugal. Todos que vieram depois, à sombra da maldita Carta, figuravam de reis mas não governavam.

Dom Pedro entrou em Lisboa cuidando que o povo o aclamaria. Mas o povo fechou-se em casa e não quis saber d'êle. Houve uma recita em São Carlos onde êle esperava um triunfo; teve uma assuada. Estes eram os primeiros frutos da Carta: a tal *igualdade* que servia para criar indisciplina e insolência, a tal *liberdade* de que usavam para faltar ao respeito às coisas que dantes eram sagradas.

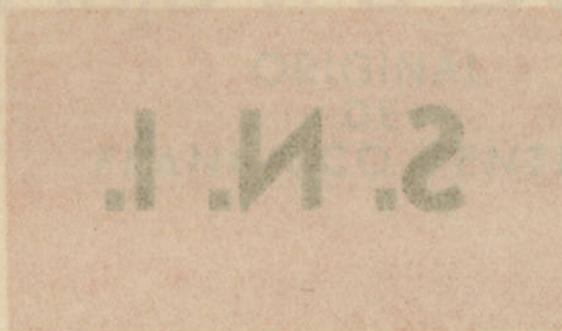
Dona Maria II, rainha de Portugal, era muito novinha e muito linda. Subiu os degraus do trono de papelão que lhe deram e que era um fingimento de trono. Puseram-lhe na cabeça uma coroa e na mão um ceptro, mascarando-a de rainha. Quem governava não era a rainha. Não há rei nem rainha que governe à sombra da Carta. Não era a rainha quem governava, nem era o povo cuja vontade clara era ter um bom rei que o governasse. Era o Palmeira, e os outros ministros, e os deputados. Era a corja dos políticos que iam repartir entre si o país a trôco da servidão ao estrangeiro.

Assim, pela mão branca da jovem rainha, o povo de Portugal, confiante e inocente como ela, entrou num túnel sombrio de política vergonhosa de partidos, de humilhações, de desordem, de abusos, de sofrimentos. Guiando-o nesse caminho escuro e triste, lá iam os mações e os estrangeiros, fazendo os seus negócios e enchendo-se, intrujando-o, mentindo-lhe, explorando-o, levando a Carta como bandeira, através da agonia da monarquia, através do regabofe da democracia, sempre de mal a pior, ignorado e desprezado pelo estrangeiro, a morrer e sem perceber que morria... até que Deus lhe mandou Salazar!



TEATRO da MOCIDADE  
PORTUGUESA

O Anjo e o Demónio



*Virginia de Castro e Almeida escreveu;  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. N. I. deu à estampa.*

LISBOA

1946

**S. N. I.**

Virginia de Castro e Almeida escrivão;  
Família Rodon Lisboa;  
O. S. N. I. deu a estampa